

PERSPECTIVAS SOBRE A CAPTURA DO CARANGUEJO-UÇÁ (*UCIDES CORDATUS*) EM MARAPANIM/PA: TÉCNICA DO GANCHO

Ewerton Domingos Tuma Martins¹
Michelly Silva Machado²

Resumo: O presente artigo visa descrever a prática de captura do caranguejo-uçá realizada através do gancho, uma ferramenta artesanal, utilizada no município de Marapanim/PA; e verificar as perspectivas socioambientais dos extrativistas acerca dessa atividade. O estudo possui abordagem socioantropológica, realizada através de entrevistas semiestruturadas e conversas informais, com campo realizado em 2021, em colaboração com especialistas na captura de moluscos e crustáceos nos manguezais marapanienses. O argumento central está voltado na perspectiva de um extrativista acerca da forma de captura do caranguejo-uçá. Como resultados, destacamos duas técnicas tradicionais de captura, a técnica do gancho e a técnica de captura no braço, práticas de subsistência que contribuem para a conservação, renovação dos estoques pesqueiros e a comercialização.

Palavras-chave: Caranguejo-uçá. *Ucides cordatus*. Reserva extrativista. Marapanim/PA.

*PERSPECTIVES ON THE CAPTURE OF THE UÇÁ CRAB (*UCIDES CORDATUS*) IN MARAPANIM/PA:
HOOK TECHNIQUE*

Abstract: This article aims to describe *the* practice of capturing *the* uçá crab performed through the hook, a handmade tool, used in the municipality of Marapanim/PA; and to verify the socio-environmental perspectives of the extractives about this activity. The study has a *socio-anthropological approach*, carried out through semi-structured interviews and informal conversations, with a field conducted in 2021, in collaboration with specialists *in the* capture of mollusks and crustaceans in the Marapanian mangroves. The central argument is focused on the perspective of an extractivist about the way of capturing the crab-uçá. As a result, we highlight two traditional techniques of capture, *the hook technique and the technique of capture in the arm*, subsistence practices that contribute to conservation, renewal of fish stocks and marketing.

Keywords: Crab catching. *Ucides cordatus*. Extractive reserve. Marapanim/PA.

¹ Mestrando em Antropologia (PPGA) pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Especialista em História e Cultura Afro-Brasileira (UNIASSELVI/SC). Especialista em Docência no Ensino Superior (UNIASSELVI/SC). Especialista em Educação Especial e Inclusiva e Metodologia de Ensino (FABRAS/DF). E-mail: ewertontuma@yahoo.com.br. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-6273-9829>.

² Doutoranda em Antropologia (PPGA) pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Mestre em Diversidade Sociocultural (PPGDS) pelo Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG) e Mestre em Linguagens e Saberes na Amazônia (PPGLA-UFPA). E-mail: mih.machado02@gmail.com. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-1607-4368>.

*PERSPECTIVAS DE LA CAPTURA DE CANGREJO UÇÁ (UCIDES CORDATUS) EN MARAPANIM/PA:
TÉCNICA DEL GANCHO*

Resumen: Este artículo tiene como objetivo describir *la práctica de captura del cangrejo uçá* realizada a través del gancho, una herramienta hecha a mano, utilizada en el municipio de Marapanim/PA; y verificar las perspectivas socioambientales de los extractivos sobre esta actividad. El estudio tiene *un enfoque socio-antropológico, realizado* a través de entrevistas semiestructuradas y conversaciones informales, con un campo realizado en 2021, en colaboración con especialistas *en la captura de moluscos y crustáceos* en los manglares de Marapanim. El argumento central se centra en la perspectiva de un extractivista sobre la forma de capturar el cangrejo-uçá. Como resultado, destacamos dos técnicas tradicionales *de captura, la técnica del anzuelo y la técnica de captura en el brazo*, prácticas de subsistencia que contribuyen a la conservación, renovación de las poblaciones de peces y comercialización.

Palabras-clave: Captura de cangrejo-uçá; *Ucides cordatus*; Reserva extractiva; Marapanim/PA.

INTRODUÇÃO

A região amazônica é constituída pela maior extensão contínua de manguezais do planeta (SOUZA, 2016), cujas principais funções ecológicas incluem a prevenção de inundações, erosão costeira, reciclagem de nutrientes e de substâncias poluidoras, além de oferecer direta e indiretamente habitats para uma variedade de espécies. O manguezal filtra a água do mar melhorando sua condição e reduz drasticamente o CO₂ da atmosfera.

Na região do salgado marapaniense, área mais próxima do mar que sofre diretamente influência das águas oceânicas, o manguezal ou mangal, como é conhecido localmente, é descrito como elemento fundamental para subsistência e atividade econômica dos seus moradores/extrativistas. Assim, o manguezal compõe as paisagens e determina os territórios produtivos locais.

Atividades como a pesca, agricultura e a coleta de recursos oriundos da natureza são umas das práticas mais antigas do salgado marapaniense. Para os extrativistas locais, o manguezal é um berçário importantíssimo, sendo o espaço de reprodução de muitas espécies. Portanto, é um lugar para sobrevivência, subsistência e comercialização de recursos oriundos da natureza, como na captura ou tiração do caranguejo-uçá (*Ucides cordatus*).

Os pescadores são protagonistas de diferentes experiências e têm uma relação particular com o ambiente em que vivem. Sua organização comunitária e familiar está pautada nas memórias de manejo repassadas por meio da transmissão de

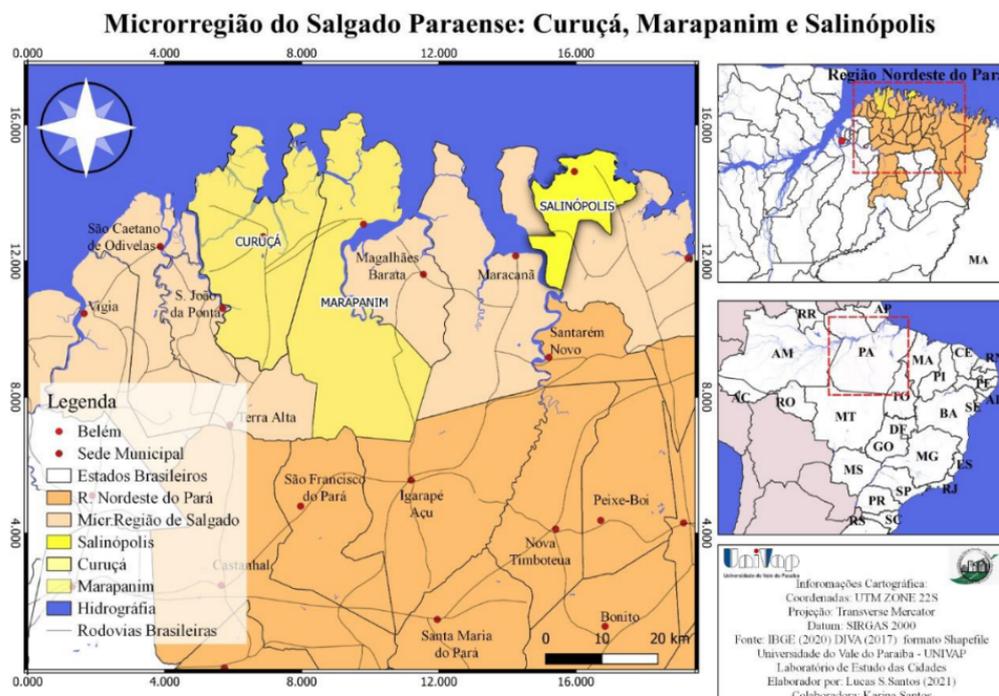
conhecimentos entre as gerações. Esses saberes traduzem a relação dos extrativistas com o manguezal nas suas mais variadas manifestações, sendo essa uma das preocupações e justificativas da utilização da técnica do gancho, conforme os extrativistas.

Sendo assim, neste estudo descrevemos a técnica do gancho na captura do caranguejo-uçá; e as perspectivas dos pescadores acerca dessa atividade. Trata-se de uma das formas de entender as pluralidades do extrativismo marapaniense, conforme as dinâmicas socioeconômicas e do entendimento de mundo dos pescadores do manguezal na Reserva Extrativista Marinha Mestre Lucindo.

METODOLOGIA

O presente estudo parte de pesquisa socioantropológica, realizada em 2021 em Marapanim/PA, na região do salgado marapaniense. O município situa-se na Zona Costeira do Estado do Pará, Região Norte do Brasil, cercado pelas paisagens praianas, composta por muitos rios, matas e manguezais.

Figura 1 – Localização da Região do Salgado Paraense



Fonte: (SANTOS; COSTA, 2021, p. 08).

O município é dividido por duas micro-áreas, que se distinguem por suas atividades econômicas, sendo uma mais distante do litoral e a outra litorânea. Furtado (1978, p. 3-4) denominou essas áreas de “micro-região da Água Doce” e “micro-área Praiana”. Para os marapanienses, as duas regiões são conhecidas como “região da água doce de Marapanim”, ou “água doce” e “região do salgado marapaniense”, ou “salgado”.

Marapanim/PA divide-se na sede do município e aproximadamente 18 comunidades. Neste estudo abordaremos especificamente as práticas de pesca nas comunidades de Novo Horizonte e Bacuriteua, ambas com acesso pela estrada PA-138, a uma distância de aproximadamente 170 km da capital do Estado do Pará, Belém.

Essas comunidades possuem como característica comum atividades extrativistas em áreas da União. Essas áreas, atualmente, são regulamentadas pela Reserva Extrativista Marinha Mestre Lucindo, uma Unidade de Conservação de uso direto (BRASIL, 2000), criada em 2014, com aproximadamente 26 mil hectares. O interesse pela criação da RESEX partiu de moradores e lideranças, como Luiz Gutemberg. Posteriormente os moradores foram representados pela Associação dos Usuários da Reserva Extrativista Marinha Mestre Lucindo (AUREMLUC). Com a criação da Resex, esses territórios foram reafirmados e demarcados para uso das comunidades locais (DSN 14010-DEC 10/10/2014).

Os objetivos de criação da Resex consistiram em estratégias das comunidades para conter os avanços irregulares de exploração do meio ambiente (CANTO, 2022); garantir a conservação da biodiversidade dos ecossistemas de manguezais, restingas, dunas, várzeas, campos alagados, rios, estuários e ilhas; assegurar o uso sustentável dos recursos naturais; e proteger os meios de vida e a cultura das comunidades tradicionais extrativistas da região, conforme o Instituto Socioambiental (ISA) (2014).

Nossa pesquisa contou com dois colaboradores principais, de faixa etária distintas, entre 40 a 60 anos, com experiência na captura de recursos pesqueiros. É importante destacar que a técnica do gancho descrita não caracteriza a prática da captura de caranguejo-uçá na região. A metodologia da pesquisa ocorreu através de entrevistas semiestruturadas, conversas informais e no acompanhamento das atividades de pesca. Os procedimentos metodológicos permitiram descrever as

técnicas de captura do caranguejo-uçá e as perspectivas dos extrativistas sobre a referida atividade.

O contato com os extrativistas aconteceu por intermédio de moradores do Distrito de Marudá, no qual nos foi informado sobre algumas pessoas reconhecidas na região pela captura de caranguejo. Entre as indicações destacamos um senhor, de 51 anos, que utiliza a técnica do gancho, uma prática não muito comum, pois a maioria dos pescadores fazem a captura no braço. O segundo extrativista é um pescador e caçador de 47 anos, que utiliza a técnica do braço para captura do caranguejo. É importante mencionar que os extrativistas optaram pela não identificação de seus nomes nas publicações da pesquisa, sendo denominados de extrativista de gancho e extrativista de braço.

As entrevistas aconteceram na residência dos pescadores e em alguns espaços públicos durante encontros casuais, sobretudo no mês de julho e agosto de 2021. Ainda no trabalho de campo acompanhamos algumas atividades dos extrativistas, na qual pudemos observar a confecção de um gancho para captura de caranguejo-uçá.

AS PRÁTICAS EXTRATIVISTAS E OS SABERES MARAPANIENSES

Os extrativistas das comunidades Novo Horizonte e Bacuriteua têm relação direta com o ecossistema costeiro, estando a pesca artesanal presente na dinâmica sociocultural e econômica desses indivíduos. Na captura de crustáceos e moluscos, o caranguejo-uçá é reconhecido como um recurso pesqueiro de importante valor para subsistência e para a cadeia de comercialização.

Em relação aos aspectos econômicos estudados na década de 1970 por Furtado (1978), nas comunidades da região do salgado, tais como: Vista Alegre do Pará, Araticum-Miri, Paixão e Porto Alegre, os locais praticavam a coleta de caranguejos e mexilhões. Estabeleciam sólida relação de escoamento da sua produção para Castanhal e Belém, sendo o mangal o centro produtor da atividade coletora:

Nossas observações mostram que o caboclo de Marapanim não é vocacionado para esse ou aquele tipo de ocupação, ou seja, ele não é destinado só para a agricultura ou somente para a pesca, ou ainda, para qualquer tipo de atividade econômica, mas antes de tudo, ele se adapta ao ambiente natural, não é passivo ao habitat, mas cria e recria diante das

inovações que lhe são apresentadas, de modo a tirar proveito dele e aumentar suas chances de vida. (Furtado, 1978, p. 13)

Conforme Machado (2007, p. 488), em estudos na Vila de Guarajubal, no salgado marapaniense, os locais classificam os caranguejos em seis tipos: caranguejo-uçá, manicujá, maraquanim, aratu, sarará patrona e guaiamun. Para os extrativistas a captura do caranguejo-uçá é o mais comum porque as outras variedades não são utilizadas na dieta alimentar. Outros critérios de classificação envolvem o tamanho e a comercialização do caranguejo, por exemplo: o maraquanim possui tamanho menor e uma pata achatada; o aratu possui uma pigmentação vermelha e um tamanho menor.

Figura 2: Caranguejo-uçá



Fonte: Couto (2018, p. 5).

A divisão do trabalho dos extrativistas ocorre com membros de sexos diferentes nas famílias (Machado, 2007). Como ressaltou Freitas *et al.* (2015, p. 715), para a pesca do caranguejo-uçá na RESEX Maracanã³, bem como ocorre no município de Marapanim, “os homens dedicam-se à captura dos caranguejos “tiração”, as mulheres dedicam-se ao trabalho de “catação”, além de executarem as demais atividades domésticas”.

³ Localizada no estado do Pará, com território distribuído pelos municípios de Igarapé-Açu, Magalhães Barata, Maracanã, Salinópolis, Santarém Novo e São João de Pirabas.

Nesse sentido, as mulheres fazem parte diretamente da cadeia de comercialização dos municípios, uma vez que participam da extração da massa do caranguejo, “um produto altamente comercializado em diversos municípios do estado e com maior demanda que o caranguejo inteiro” (FREITAS *et al.*, 2015, p. 715). As mulheres auxiliam no trabalho dos maridos e ainda são contratadas por outros comerciantes para a produção de “massa”, sobretudo no período de veraneio, nas férias de julho.

É importante mencionar que o mangal é fonte de renda para muitas comunidades e famílias, é nesse espaço que encontramos os extrativistas do gancho e do braço. Apesar da principal atividade da região ser a captura de caranguejo, outras atividades ligadas ao Mangal ainda resistem, como a extração do mel de abelha, tiração de turu, sarnambi, sururu, siri e a pesca de linha de mão, espinhel e cacuri.

A maioria dos extrativistas vivem em reciprocidade com o meio ambiente, aproveitam os recursos do mangal através de tecnologias simples, como o gancho. Seus saberes são repassados no decorrer dos anos, demonstrando, assim, “sua capacidade de adaptação ao meio em que vive” (FURTADO, 1978, p. 13).

Sobre a ecologia da vida, como ressalta Ingold (2002), ao estudar as dinâmicas socioambientais, observamos como os seres humanos percebem o mundo ao seu redor. De acordo com Carneiro da Cunha (1994), as culturas constituem para a humanidade um patrimônio de diversidade, sendo formas de expressões que apontam soluções futuras para novos posicionamentos sobre o convívio dos seres humanos em sociedade e natureza.

Sob a ótica de Little (2002), destaca-se o alto valor dos conhecimentos e tecnologias das distintas sociedades tradicionais para a ciência ocidental e para a humanidade. No caso da função técnica do gancho, podemos entendê-la como uma das formas de gestão ambiental de ecossistemas costeiros. São formas de conciliar saberes tradicionais à exploração dos recursos naturais para melhoria da qualidade de vida dos moradores locais.

Considerando as formas de entender o mundo dos extrativistas marapanienses, entendemos que durante anos esses saberes foram silenciados em detrimento de discursos em prol do desenvolvimento, cujo significado está alicerçado no crescimento econômico (ESCOBAR, 1995). De tal modo, a ideia de desenvolvimento é utilizada por

políticos, pelas grandes empresas e comerciantes para “justificar megaprojetos sem levar em conta os impactos negativos nas comunidades locais” (SILVA, 2016).

Apesar de assegurada a Unidade de Conservação de uso direto, inúmeros são os desafios enfrentados pelos extrativistas marapanienses, tais como: o desmatamento, poluição dos rios, assoreamentos dos igarapés e nascentes dos rios e descarte irregular do lixo nos manguezais. Logo, além de se dedicarem à agricultura, pesca e a caça, ainda precisam disputar “o mercado e recursos naturais com os grandes comerciantes e indústrias [...] em condições muito desiguais” (ESTERCI, 2014).

A respeito dessa disputa desigual, os pescadores sobre as grandes redes de supermercados que mantém nas águas daquela região barcos de pesca de grande porte, que são responsáveis pelo abastecimento de pescado desses grupos. Ao se falar das grandes redes de supermercados é inevitável perceber a falta de políticas públicas ativas que beneficiem as pequenas comunidades.

Alencar (2023) destaca vários aspectos da modernidade/desenvolvimento em relação às pequenas comunidades pesqueiras. Ressalta-se que os avanços desenvolvimentistas, em muitos casos, são apoiados pelo próprio Estado que condiciona imposições governamentais e apoia o processo de subjugação das comunidades tradicionais. Condescendendo com os estudos de Cristina Adams (2000), sobre comunidades caiçaras, existe ainda o desrespeito do poder público com a sazonalidade da pesca. No caso marapaniense, muitas empresas e/ou comerciantes, que atuam em grande escala, agem no período de reprodução ou defeso sem qualquer fiscalização ou punição dos órgãos competentes.

Nas atividades de pesca, os extrativistas vêm observando uma redução considerável na quantidade do pescado e até mesmo no desaparecimento de algumas espécies. Na captura de crustáceos houve uma baixa considerável na reprodução desses, além disso destaca-se a tiragem irregular do caranguejo-uçá em desenvolvimento, dos que ainda não se reproduziram, ou estão no período de defeso.

Alencar (2023) destacou sua preocupação com o futuro ambiental e social das comunidades tradicionais. Reforçou ainda que um dos desafios da pesca artesanal é a falta de maior organização social dos extrativistas, tendo em vista que a atividade apresenta fragilidades em sua base coletiva. Conclui que a corroboração da classe é

necessária para o enfrentamento dos dilemas diversos e avanços na luta pelos seus direitos.

Para os extrativistas marapanienses, a disputa desigual com as grandes empresas e comerciantes é uma de suas preocupações, contudo continuam desenvolvendo sua rotina de trabalho na expectativa da efetivação de políticas públicas vinculadas à Unidade de Conservação. Esperam projetos, financiamentos e práticas que conciliem ecologia e a exploração dos recursos naturais à melhoria da qualidade de vida das pequenas comunidades e produtores.

Segundo Alencar (2023), a modernização traz consigo um sistema perverso que explora os territórios tradicionais numa lógica capitalista através do turismo empresarial, exploração mineral e outras situações. Um modelo que silencia as diversidades e é altamente nocivo, pois mata os modos das coletividades existirem e estarem no mundo, haja vista que pescar não é só uma atividade, é um modo de pensar e viver de forma diferenciada, como a perspectiva dos extrativistas acerca da técnica do gancho.

DESCRIÇÃO DA CAPTURA DO CARANGUEJO-UÇÁ COM O GANCHO

O extrativista do gancho destacou que sobrevive do extrativismo animal e vegetal e que embora desenvolva esporadicamente a pesca de “linha de mão” e gostar da atividade, a captura do caranguejo-uçá é a sua principal ocupação. Na ocasião da entrevista, o mesmo confeccionava um novo gancho, ressaltando que a ferramenta é diferenciada, pois na região impera a retirada do caranguejo no braço (com as mãos).

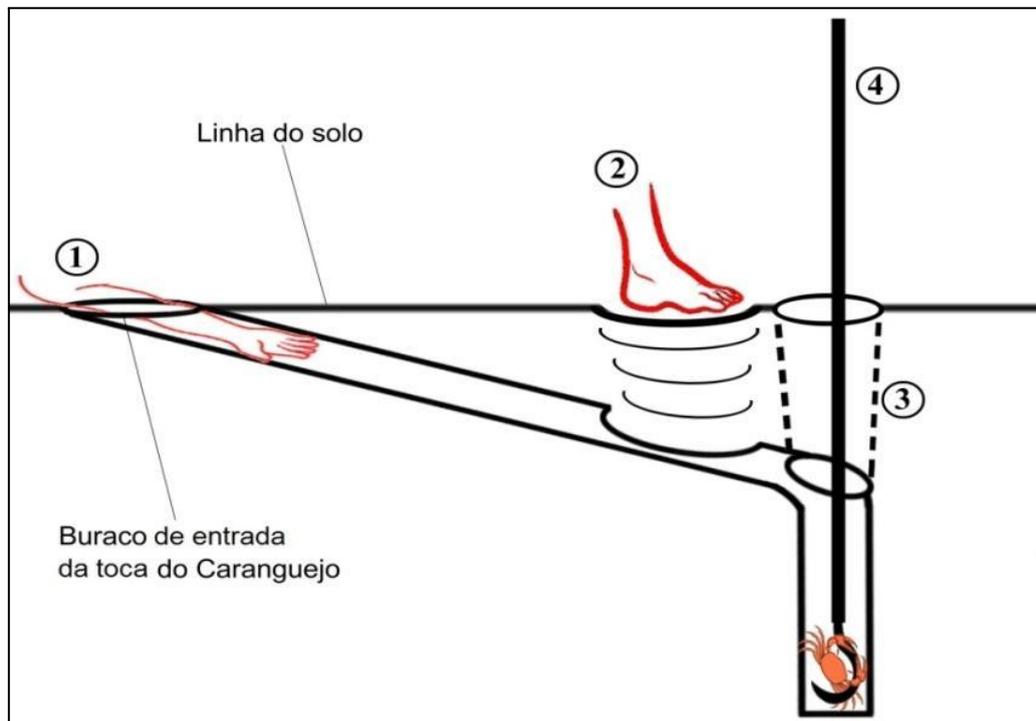
Figura 3: Pescador confeccionando gancho para catação de caranguejo



Fonte: Ewerton D. Tuma Martins (2022).

Conforme o extrativista, a captura de caranguejo-uçá com o gancho é descrita da seguinte forma: em 1., representamos o extrativista localizando a entrada da toca de um caranguejo adulto, nela coloca-se o braço para afugentar o caranguejo até a parte final da toca. A parte final da toca tem um formato diagonal com uma curva no final, após a curva segue na posição vertical; no item 2., o catador comprime o solo com o pé para evitar que o caranguejo saia da parte vertical da toca; em 3., é cavado um buraco na direção da parte vertical para possibilitar a entrada do gancho; no item 4., o interlocutor 1 insere a vara com o gancho até tocar levemente no caranguejo, depois disso posiciona o gancho com cuidado por baixo do crustáceo puxando-o para fora. Vide imagem ilustrativa abaixo:

Figura 4: Ilustração feita a partir dos relatos do interlocutor 1



Fonte: Ewerton D. Tuma Martins (2022).

Sobre os formatos, diâmetros e comprimentos das tocas, nosso interlocutor possui uma noção exata de onde executar os passos 2 e 3, assim como o passo 4, em que posiciona o gancho corretamente sem machucar o caranguejo. Isso se deve pelos anos de experiência na função e pela necessidade de ter o alimento e o produto de qualidade tanto para consumo familiar como para a comercialização.

Assim como o extrativista do gancho, muitos tiradores de caranguejo da região respeitam o período do defeso - momento de reprodução do caranguejo-uçá. Eles têm a consciência de que se retirar demasiadamente os elementos da natureza e não deixar os recursos se renovarem, um dia poderão se extinguir.

Outra situação é o respeito pelo período de troca da casca do caranguejo-uçá, nesse momento o crustáceo se desfaz da sua casca para desenvolver uma casa maior devido ao seu crescimento. Na ocasião, o caranguejo costuma tapar o buraco de entrada das tocas para se proteger de predadores, pois permanece mole, fraco e indefeso. Esse período consiste em aproximadamente 30 (trinta) dias até o casco endurecer. Muitos catadores de caranguejo destacam que nem sempre esse momento é respeitado, os extrativistas atribuem o desrespeito a esses dois períodos (reprodução

e troca de casca) pela falta de informação e consciência ambiental dos infratores ou pela ganância dos comerciantes.

Conforme Machado (2007), na vila de Guarajubal e em outras comunidades com características tradicionais:

homens e mulheres são explorados diante das crescentes demandas de consumo, como é o caso da procura pela massa de caranguejo”. Essa demanda crescente motiva as pessoas de Guarajubal a capturar um número cada vez maior desse crustáceo, acarretando com isso alterações ambientais irreversíveis num futuro próximo. Mesmo sabedores dessa situação, o poder público não age efetivamente diante das reivindicações de tiradores e catadoras (MACHADO, 2007, p. 489).

Conforme a autora, existe a precaução dos extrativistas de tirar apenas o caranguejo-macho do mangal, deixando a fêmea e os caranguejos menores para procriação e crescimento. Contudo, os impactos da produção de massa de caranguejo e a catação no período de defeso “tornaram-se intensos e negativos, pois, quando a população local passou a ser motivada por demandas de mercado, a extração passou a tender para a insustentabilidade” (MACHADO, 2007, p. 489).

Muitos caranguejeiros marapanienses mais velhos concordam que num período de 30 (trinta) anos houve diminuição na quantidade do caranguejo-uçá na região, uma das causas se deve também à ocupação humana que está avançando sobre áreas do manguezal, bem como a falta de educação ambiental. O extrativista do gancho acredita que poderia haver um trabalho educativo mais efetivo junto aos catadores e as comunidades para se preservar a renovação dos recursos naturais, evitando assim o desaparecimento dessa espécie. É importante ressaltar que no período do defeso, nosso interlocutor costuma fazer a captura do caranguejo-uçá somente para consumo próprio, além de intensificar a pesca de linha de mão para auxiliar na dieta alimentar da família.

Os pescadores dominam várias técnicas de trabalho e artesanalmente confeccionam os utensílios necessários para cada atividade. É importante notar que o artefato produzido, o gancho, “não é visto simplesmente como um objeto, ele é signo e representa um universo cultural, portanto a arte de confeccioná-los envolve uma série

de conhecimentos que superam a perspectiva usual”, envolve uma rede de significados pela qual o extrativista percebe o mundo (MACHADO, 2022, p. 23).

PERSPECTIVAS SOBRE A CATAÇÃO DE CARANGUEJO-UÇÁ NO GANCHO

Em estudos realizados por Freitas *et al.* (2015, p. 717) na RESEX Maracanã, a técnica do braceamento combina-se ao gancho, sendo essas as mais utilizadas pelos tiradores locais. Como mencionado anteriormente, predomina-se em Marapanim a técnica de tração do caranguejo-uçá no braço. Os caranguejeiros optam por uma das duas técnicas, no braço ou no gancho, ocorrendo diferentes discursos sobre o uso das respectivas atividades.

O contraponto do uso da técnica do gancho dá-se por aqueles caranguejeiros que não fazem uso dela. Esses extrativistas realizam a tração no braço e utilizam a mão para a captura do crustáceo. Conforme o extrativista de braço, em defesa do seu método de catação, destaca que a captura do caranguejo-uçá no gancho “acostuma o caranguejo a cavar mais fundo”, ficando impossibilitado de ser retirado no braço. Ressalta, ainda, que a tração no braço é menos prejudicial quando comparadas às outras técnicas de extração, como o gancho e a redinha.

Não encontramos nas comunidades de Bacuriteua e Novo Horizonte extrativistas que utilizam a técnica da redinha. Segundo os marapanienses seus métodos são tradicionais e menos prejudiciais. Freitas *et al.* (2015, p. 718) explicitam que “o uso da redinha indica uma evidente ruptura dos padrões tradicionais de captura da espécie, pois exige um menor esforço físico por parte do catador do que o exigido pela técnica do braceamento”.

Segundo o extrativista do gancho, sua técnica traz diversos benefícios, mas o marapaniense não gosta de trabalhar com essa ferramenta por ser menos prática que a retirada no braço. A utilização do gancho lhe foi ensinada no município de Maracanã/PA, mais especificamente na vila de Camboinha, onde aprendeu o método com os anciões. Acerca desse contexto, Furtado (2006, p. 162), chama atenção:

[...] para a necessidade de não desprezar a herança socioambiental da ancestralidade indígena e dos povos que ocupam a região, a qual pode estar

associada (mas não explicita) a certas práticas de manejo ambiental de grupos sociais contemporâneos (FURTADO, 2006, p. 162).

Observamos que o extrativista do gancho aprendeu a técnica com pessoas de outro município, porém com o tempo aprimorou o trabalho artesanal e hodiernamente repassa aos interessados na catação com gancho. Embora as práticas extrativistas não sejam mais tão usuais aos jovens devido às novas dinâmicas sociais do trabalho, as quais não trataremos neste breve estudo, na família de nosso interlocutor permanecem e/ou resistem algumas práticas de manejo e saberes aprendidos com os ancestrais.

Figura 5: Fase final de confecção do gancho



Fonte: Ewerton D. Tuma Martins (2022).

O gancho é composto por uma vara de madeira de aproximadamente 2 (dois) metros de comprimento e uma peça de ferro em forma de gancho na ponta. O arranjo requer alguns cuidados, pois é necessário confeccionar uma fenda em forma exata para que possa acoplar a peça de ferro na madeira. Para fixar a peça de ferro na madeira, após acoplada, usa-se linha de nylon grilon de alta resistência. Os diâmetros da peça de ferro precisam ser exatos, pois implicam em despedaçar ou não o

caranguejo no momento da captura, portanto é necessário estabelecer um tamanho adequado para ter uma extração bem-sucedida.

A escolha da madeira correta, incide na maior durabilidade da ferramenta, seu comprimento é medido de acordo com a profundidade média dos buracos dos caranguejos. O tipo de madeira frequentemente utilizado para essa função é conhecido popularmente como “vara de espeto”.

Em Carneiro, Barboza e Menezes (2010) encontramos semelhança de uso da árvore do mangueiro (*R. Mangle*) para a “fabricação de espeto”. O mangueiro é característico da região do salgado paraense estando presente nos manguezais de vários municípios da costa Norte. O tamanho da peça de ferro também é produzido intencionalmente, pois não pode adentrar em buracos (tocas) menores onde estão os caranguejos jovens, assim seu uso é restrito à catação dos crustáceos adultos.

Figura 6: Gancho para catação de caranguejo



Fonte: Ewerton D. Tuma Martins (2022).

Para o extrativista do gancho, sua técnica de catação de caranguejo é mais lenta, no entanto traz inúmeros benefícios pela qualidade do caranguejo capturado, “que é da fase adulta e quanto mais adulto, maior ele é, e isso aumenta o preço para a venda”. Com base nas informações do extrativista, a técnica se baseia na ideia de que o crustáceo adulto está devidamente apto à extração, não desequilibrando o ciclo reprodutivo da espécie, garantindo assim a sua renovação.

Sobre o caranguejo-uçá, sua captura não depende apenas do tamanho dos crustáceos capturados, mas também do sexo, estágio de maturação, fase do ciclo anual ou mês em que a captura acontece e o período reprodutivo da espécie. Esse efeito pode, ainda, variar de ano a ano, de acordo com as fases da lua e a depender dos regimes de maré (DURAN, 2011).

No decorrer de nossas conversas observamos a preocupação do extrativista do gancho com a tiração do caranguejo-uçá. Conforme suas vivências, capturar o caranguejo “jovem” através da prática do braço só traz prejuízos, pois, desequilibra o meio ambiente e reduz a quantidade dos estoques ao impedir o processo de reprodução desses crustáceos. Ressalta, ainda, que uma das consequências dessa prática é o tamanho e a qualidade do caranguejo comercializado. O crustáceo jovem, capturado no braço, é inferior ao adulto, capturado no gancho, isso é perceptível em seu tamanho, sabor e quantidade de massa. Tirar caranguejo em desenvolvimento faz o seu preço de mercado cair e isso incide prejuízos aos caranguejeiros, alerta o extrativista.

Os extrativistas mencionados fazem a catação para consumo próprio e o excedente é destinado para a venda, o que garante a compra de outros produtos necessários à sua vida, como materiais para o extrativismo, produtos de higiene e complementos alimentícios. Esses intercâmbios fazem com que o extrativista participe das dinâmicas comerciais locais em vários aspectos: a cidade banhada pelas praias salgadas torna-se referência aos turistas pelos crustáceos, moluscos e o peixe vendido na feira, no mercado, nos restaurantes ou barracas, essas dentre outras atividades ajudam a movimentar a economia local.

Os extrativistas mencionados não vendem sua produção aos atravessadores. O extrativista do gancho realiza sua venda de bicicleta em um percurso de sua casa até o distrito de Marudá, o que equivale aproximadamente a 5 Km. Relata que muitas vezes

é abordado ainda na estrada e vende todos os seus caranguejos sem chegar a completar o percurso final. Segundo o catador, por vender diretamente ao consumidor consegue manter um preço justo, comercializando um produto de qualidade e com o tamanho desejável pelos consumidores, por isso tem se tornado uma referência na tiração e comercialização do caranguejo-uçá na região.

Sua dinâmica de trabalho para a catação do caranguejo é dividida em duas formas de execução. Na primeira forma, sai de bicicleta e percorre alguns quilômetros até áreas de manguezais, relativamente próximas da sua casa; adentra a pé no manguezal e passa o dia tirando caranguejo. Seu deslocamento é feito sobre as raízes aéreas dos mangueiros e no chão de lama. A enchente das marés que inunda os manguezais, principalmente nas “águas grandes”, pode impedi-lo de avançar de um ponto a outro, podendo ficar ilhado esperando a maré baixar. O tempo de extração é determinado pela ação das cheias das marés, delimitando também a quantidade de caranguejos capturados que, segundo ele, é em média de 100 (cem) caranguejos. Outro fator que delimita o seu retorno é a claridade, pois mesmo que a maré permita seu deslocamento, sempre retorna antes do pôr do sol.

Na segunda forma de execução do seu trabalho, sai de canoa a motor do “Porto do Paixão” e permanece por três dias e três noites nos manguezais que aportar. Segundo o pescador, a canoa a motor possibilita trafegar pelos rios Camará e Cajutuba chegando a pontos de extração mais distantes. Nesse sentido, desenvolveu caminhos pouco frequentados pelos demais caranguejeiros e com menos limitações de acesso.

Figura 7: Porto do Paixão no rio Camará



Fonte: Ewerton D. Tuma Martins (2022).

Devido a uma estadia mais intensa no manguezal, o extrativista do gancho transporta alimentos enlatados para realizar refeições rápidas e óleo diesel para passar no corpo e se proteger dos “maruins” (*Culicoides sonorensis*)⁴, insetos voadores característicos de áreas de manguezal. Costuma dormir às 20h na canoa coberta por uma lona plástica, deixando-a amarrada nas “beiradas” do manguezal. Acorda por volta das 4h “quando é noite de lua”, pois o ambiente fica mais claro, caso contrário aguarda os primeiros raios de sol.

Durante os três dias de trabalho entra nos manguezais e realiza a extração do caranguejo-uçá com o uso de gancho. Ao capturar uma quantidade expressiva retorna à canoa para armazenar os caranguejos vivos, esse método se repete quantas vezes for necessário. O extrativista aproveita ao máximo o tempo de catação, só interrompe o trabalho mediante a necessidade extrema, suas pausas basicamente são feitas para se alimentar e dormir. Nessa prática, consegue em média 600 (seiscentos) caranguejos, mais do que o dobro de quando sai a pé. Mesmo levando em consideração o gasto do combustível do motor e da alimentação, a “saída de canoa” é muito mais rentável.

⁴ Tanaka (2022).

Vale salientar que limitações naturais são determinantes à execução do trabalho de captura do caranguejo-uçá, como o caso das movimentações das marés, quando normalmente acontecem as “marés de lance” e o volume de água cresce, em relação às “marés de morta”, que são as marés de baixo volume de água. As marés “de lance” e “de morta” sofrem a influência gravitacional da lua, esse conhecimento concerne nas cosmologias dos extrativistas e integra a rotina de trabalho do caranguejeiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso estudo foi realizado em uma unidade de conservação de uso sustentável, a Resex Mestre Lucindo, implicando no predomínio de métodos de captura mais tradicionais, como o gancho e o braço. Foi observável nas perspectivas dos extrativistas o respeito às dinâmicas naturais do manguezal e sua biodiversidade. Para os extrativistas, a exploração em grande escala dos recursos naturais realizada pelos grandes grupos não respeita as lógicas de renovação dos recursos naturais. Esse tipo de atividade devastadora só atende aos interesses de enriquecimento mercadológico, degradação ambiental e extermínio das pequenas populações.

Com base nas formas de entender o mundo através da relação entre os seres humanos e a natureza, este estudo descreveu os caminhos reflexivos e as técnicas encontradas pelos extrativistas para sua subsistência, diminuição dos impactos antrópicos ao meio ambiente e a promoção de uma gestão sustentável. Logo, revelou-se a importância dos saberes tradicionais no sentido de suas práticas não serem tão predatórias e destrutivas ao ecossistema costeiro.

O discurso do extrativista do gancho foi marcado pela preocupação com a redução dos recursos naturais da região. Inclusive, seu posicionamento e justificativa pela utilização do método ocorre na contramão das explorações em larga escala sem cuidado com a conservação do ecossistema costeiro. Há anos os extrativistas desenvolvem a catação do caranguejo-uçá, embora suas técnicas diverjam destacam a importância e os benefícios do manguezal.

REFERÊNCIAS

ADAMS, Cristina. “As populações caiçaras e o mito do bom selvagem: a necessidade de uma nova abordagem interdisciplinar”. *Revista de Antropologia*, v. 43, n. 2, São Paulo, AP, 2000.

ALENCAR, Edna Ferreira. Mesa-Redonda: Gestão Social de atividades agroecológicas e pesqueiras. *XII Encontro Nacional de Pesquisadores em Gestão Social (ENAPEGS)*, 26 de maio a 01 de junho de 2023. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PVWLOWlOG0k>>. Acesso em: 31 de maio. 2023.

CANTO, Otávio do. *Documentário Luiz Gutemberg: Uma História de Luta na RESEX Mestre Lucindo*. YouTube, 13 de junho de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0a_OM7Yo2GY>. Acesso em: 04 de agosto de 2022.

CARNEIRO, Diogo Borges; BARBOZA, Myrian Sá Leitão; MENEZES, Moirah Paula. Plantas nativas úteis na vila dos pescadores da reserva extrativista marinha Caeté-Taperaçu, Pará, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, v. 24, p. 1027-1033, 2010.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. O futuro da questão indígena. *Estudos Avançados*, 8(20): 121-136. 1994. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ea/v8n20/v8n20a16.pdf>>. Acesso em: 16 de dezembro de 2022.

COUTO, Renata Louzada do. *Aspectos socioeconômicos da produção e percepção ambiental dos catadores de Caranguejo-Uçá *Ucides Cordatus* (Linnaeus, 1763) da comunidade do Treme, Bragança-PA*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Faculdade de Oceanografia, Instituto de Geociências, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

DSN 14010. Decreto 10 de outubro de 2014. Cria a Reserva Extrativista Marinha Mestre Lucindo, localizada no Município de Marapanim, Estado do Pará. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/dsn/Dsn14010.htm>. Acesso em: 16 de dezembro de 2022.

DURAN, Ricardo Santos. Caranguejeiros e caranguejos: a captura do caranguejo-uçá, *Ucides cordatus* (LINNAEUS, 1763) (Brachyura, Ucididae), no município de Cananéia (SP). Trabalho de conclusão de curso - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2011.

ESCOBAR, Arturo. *Encontering development: the making and the unmaking of the third world*. Princeton: Princeton University Press, 1995.

ESTERCI, Neide; SANT'ANA JÚNIOR, Horácio Antunes de; TEISSERENC, Maria José da Silva Aquino (orgs.). Territórios socioambientais em construção na Amazônia brasileira. Rio de Janeiro, RJ: *7 Letras*, 2014.

FREITAS, Ádria de Carvalho. et al. Análise socioeconômica e esforço de pesca na captura do caranguejo-uçá – *Ucides cordatus* (Crustacea: Ucididae) – na Reserva

Extrativista Maracanã – costa amazônica do Brasil. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 10, n. 3, p. 711–722, out. 2015.

FURTADO, Lourdes Gonçalves. “Aspectos Históricos e econômicos de Marapanim – Nordeste Paraense”. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Nova Série, Belém-Pará-Brasil, Antropologia, n. 67, março. 1978.

FURTADO, Lourdes Gonçalves. “Origens pluritécnicas no cotidiano da pesca na Amazônia: contribuições para projeto de estudo pluridisciplinar”. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Belém/PA, v. 1, n. 2, 159-172, maio-agosto, 2006.

GOW, Peter. “Da etnografia à história”. *Cadernos de campo*, 2006.

ICMBIO. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. Ministério do Meio Ambiente. *Estudo socioambiental referente à proposta de criação de reserva extrativista marinha no município de Marapanim, Estado do Pará*. Brasília: ICMBIO, 2014.

INGOLD, Tim. Culture, nature, environment. Steps to an ecology of life. In T. Ingold, *Perceptions of the environment*. Routledge, 2002. Disponível em: <<https://leiaarqueologia.files.wordpress.com/2017/08/the-perception-of-the-environment-tim-ingold.pdf>>. Acesso em: 20 de agosto de 2021.

ISA, Instituto Socioambiental. *Reserva Extrativista Marinha Mestre Lucindo*. Disponível em: <<https://uc.socioambiental.org/pt-br/arp/5402>>. Publicado em: 2014. Acesso em: 30 de agosto de 2023.

LITTLE, Paul E. Etnoecologia e direitos dos povos: elementos de uma nova ação indigenista. In: A.C. Souza Lima; M. Barroso-Hoffmann. (Org.) *Etnodesenvolvimento e políticas públicas: bases para uma nova política indigenista*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2002.

MACHADO, Denise. Catadoras de caranguejo e saberes tradicionais na conservação de manguezais da Amazônia brasileira. *Revista Estudos Feministas*, v. 15, p. 485-490, 2007.

MACHADO, Michelly Silva. *Processo de formação de novas categorias conceituais e as agências linguísticas dos Mëbêngôkre Kayapó (Família Jê)*. (Dissertação de mestrado). Programa de Pós-graduação em Diversidade Sociocultural, Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, PA, Brasil, 2022.

SANTOS, Karina Pimentel dos. COSTA, Sandra Maria Fonseca da. *As articulações regionais das cidades de maré na microrregião do salgado (PA)*. Anais do XIV ENANPEGE - XV Encontro Nacional de Pós-Graduação e pesquisa em geografia. Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/77889>>. Acesso em: 01 de fevereiro de 2023.

SILVA, Flávio José Rocha da. O conceito de desenvolvimento no pensamento de Arturo Escobar. *Revista Pegada* – vol. 17 n.2 170. publicada em: dez. de 2016. Disponível em:

<<https://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/download/4671/3585/16572>>.

Acesso em: 29 de agosto de 2023.

SILVA JÚNIOR, Roberto Donato da. Etnoconservação e o conceito de relações de poder: apontamentos teórico-metodológicos. *Cadernos de Campo* (UNESP), v. 1, p. 89-106, 2009. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/cadernos/article/view/5260>>. Acesso em: 29 de agosto de 2023.

SOUZA, Renata Sauerbronn de. *Projeto PNUB BRA/07/G32 Manguezais no Brasil*. Publicado em 2016. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:aKsobzFO9xEJ:www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/o-que-fazemos/consultas_publicas/criacao_e_conservacao_resex_itapetininga.pdf+&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 13 de outubro de 2022.

TANAKA, Marcelo Neves. *Vírus isolado de culicoides (díptera: ceratopogonidae) na amazônia: Estudos ultraestruturais do vírus, hospedeiro invertebrado e suas interações*. 1 Encontro Técnico Científico. Instituto Evandro Chagas. Centro Nacional de Primatas. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/aa/a/jXKQTbnFVK9Ks7Kw7DxVGRn/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 13 de novembro de 2022.